

**EDITORIAL****ADOLESCÊNCIA: DESAFIO DA COMPLEXIDADE<sup>1</sup>****Candido Alberto Gomes**

clgomes@terra.com.br

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e do Programa de Mestrado e  
Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília**Kátia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil**

katia@ucb.br

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e do Programa de Mestrado e  
Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília**Sandra Francesca Conte de Almeida**

sandraf@pos.ucb.br

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e do Programa de Mestrado e  
Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília**Entretecendo Literatura e Ciência**

A literatura e a ciência usam lentes diversas para ver a realidade, mas a segunda se enriquece significativamente com a sensibilidade da primeira. É o que acontece também em relação à adolescência. A literatura de língua portuguesa inclui, no século XVI, uma obra controversa e, de certo modo, revolucionária, não se tornasse o seu autor, por motivos um tanto nebulosos, um proscrito da corte de D. Manuel I, no momento em que Portugal era um dos centros palpitantes da globalização desencadeada pelas Navegações. Trata-se de “Menina e Moça” (Ribeiro, 1891 ), uma narrativa (autobiográfica?) pela boca e coração de uma mulher jovem, que expressa o amor feminino com grande sensibilidade, frisando os contrastes entre este e o amor masculino. Eis que, num mundo patriarcal de navegadores, guerreiros e mercadores, o poeta dá voz aos sentimentos da Menina, que recorda a sua infância, chora o desterro e a saudade do amigo de que foi obrigada a afastar-se, assim começando:

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Prof<sup>a</sup> Ana Isabel Guimarães Brasil, mestranda em Educação da Universidade Católica de Brasília, a cuidadosa pesquisa e debate sobre Bernardim Ribeiro e sua obra, só em parte utilizados no presente trabalho.



*Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe. Que causa fosse então daquela minha levada, era ainda pequena, não a soube. Agora não é ponho outra, senão que parece que já então havia de ser o que depois foi.* (Ribeiro, 1891, p. 3-4)<sup>2</sup>

A Menina ama a solidão e parece ter o prazer do sofrimento, na descoberta e florescimento do amor, inevitável e incompreensível, renunciando sentimentos marcantes do romantismo do século XIX, pelos quais toda a ordem do mundo estaria submetida ao amor. É assim que a obra de Bernardim Ribeiro entretece as raízes dos cantares de amigo e das novelas de cavalaria, enquanto, mirando os horizontes, vislumbra a perspectiva romântica com mais de dois séculos de antecedência (cf., p. ex., Silva, 1978; Lourenço, 2009, 2010; Duarte, 2010).

Entretanto, um fato básico é que, ao analisar a obra, não se encontram adolescentes nas personagens quinhentistas, tal como compreendidas hoje ou algum tempo atrás. “Menina e moça”, por Bernardim Ribeiro, não retrata a dinâmica duplicidade do soneto de igual título de Machado de Assis ([1888] 1994), no Brasil do fim do século XIX, que retrata a adolescente como o bailar de um pêndulo que marca a alternância de duas faces da mesma pessoa (“Está naquela idade inquieta e duvidosa. / Que já não é dia claro e é já o alvorecer; / Entreaberto botão, entrefechada rosa, / Um pouco de menina e um pouco de mulher”). Considerando vidas em média tão curtas, em Portugal provavelmente não muito distantes da expectativa ao nascer de 47,3 anos, a Menina havia passado pela puberdade e se preparava para um provável casamento, não raro celebrado muito cedo, já que a maioridade para a nobreza, ao menos na França, chegava aos 15 anos e a plebe aos 12 (Gomes, 2012). Por isso, assim se apresenta uma das personagens:

*A senhora Aonia (ainda então donzela d'até treze ou catorze anos sem saber que cousa era bem querer) de as lágrimas piedosas regou as suas formosas faces e com ele os sentidos primeiro lhe inclinou.* (Ribeiro, 1891, p. 155-156)

Situação muito diferente da do quinhentismo, todavia, se delineia na modernidade, por meio de complexo processo histórico-social, em virtude dos ideais herdados do Iluminismo, como deixam entrever os versos de Machado. Na aurora da modernidade o movimento proto-romântico *Sturm und Drang*, iconicamente sintetizado por Goethe ([1774] 1968) em *Os sofrimentos do jovem Werther*, comunicou as

---

<sup>2</sup> Ortografia atualizada.

angústias, dramas, paixões e busca de evasão e liberdade pelo jovem, ainda em 1774. Esta expressão em língua alemã já aludia às tensões das mudanças, emergentes da aceleração da História, captando a vertigem da então considerada rápida transformação. Não por acaso o inglês *storm and stress* a ela se acha relacionado, sendo empregado pelas ciências humanas para traduzir sentimentos da adolescência nas sociedades ocidentais. A literatura, assim, perscruta os tempos e capta as suas transformações, enquanto as ciências tendem a sucedê-la. Todavia, em ambos os campos, continuaram sendo escassas as vozes femininas e igualmente escassa a abordagem de gênero.

Se Bernardim Ribeiro ousou narrar os sentimentos femininos na literatura de língua portuguesa no século XVI, um dos indiscutíveis marcos das ciências sociais foi estabelecido, cerca de três séculos e meio depois, quando uma mulher jovem decididamente publicou a sua tese de doutoramento em antropologia, dando voz às meninas de Samoa e comparando a sua adolescência com o processo de *storm and stress* da sociedade norte-americana. Pode-se imaginar a dimensão do pioneirismo de Margaret Mead quando, aos 24 anos de idade, escreveu *Coming of age in Samoa* ([1928] 2001) e o deu à lume em 1928, numa América puritana, que apenas ensaiava os primeiros passos das profundas mudanças que, em seguida à Grande Depressão de 1929, se aprofundariam com a Segunda Guerra Mundial e a guerra fria.

Uma mulher jovem, doutora, falava sobre a experiência de meninas num livro que todos podiam ler, por fugir ao hermetismo da academia, segundo a qual a pesquisa deve ser relacionada a uma erudita pletora de referências à literatura (como diziam os latinos, *liber ex libris*, um livro deriva de outros livros, traduzindo livremente), de modo que um breve suspiro de inovação seja legitimado por uma longa trajetória de conhecimentos pré-existentes. *Coming of age in Somoa* resultava de intenso mergulho em outra cultura, até hoje testemunhado pelas fotografias em que Mead aparece de mãos dadas com meninas samoanas, descalça e vestida com as roupas locais. Dessa profunda interação, emerge a conclusão central que a adolescência não é necessariamente tempo de *stress and strain* e que, no caso dos Estados Unidos da sua época, resultava dos padrões conflitivos de comportamento por que os indivíduos, por sua conta e risco, deviam optar. Mais ainda, evidenciou que o gênero é culturalmente construído e que os seres humanos podem interagir com a biologia do sexo de muitos modos diferentes (Bateson, 2001), questão cujos desdobramentos se estendem e se aprofundam até hoje. É interessante notar que Mead ([1928] 2001) nessa obra usou o termo adolescência 18 vezes; puberdade, nove vezes e,



coerentemente, *teenage* nenhuma, por ser uma designação cronológica e linguística. Ademais, significativamente, no título não usou nenhum deles, mas “coming of age”. E, continuando a sua carreira no pós-guerra, retornou ao Pacífico Sul, tendo publicado, entre outras obras, a expressiva *Male and female: A study of the sexes in a changing world* (Mead, [1949] 1969). É claro que a alegoria da caverna de Platão nos lembra que toda obra científica é limitada, mas, se as sombras depois delas se tornaram menos difusas, crédito deve ser dado a quem primeiro as captou.

Com razão e emoção, Pipher (2001) frisou que *Coming of age in Samoa*, junto com o ativismo de Eleanor Roosevelt (tão profundamente ligada à Declaração Universal dos Direitos Humanos), diversas obras de arte e *O diário de Anne Frank*, constituem marcos do século XX. Aqui podemos fechar este arco, regressando à literatura e recordando a dolorosa conquista da subjetividade por uma adolescente que descobre o amor, com rara maturidade e poesia, escondida da máquina genocida num sótão de Amsterdam. Como as meninas letradas do século XIX, que já se formavam com a leitura de livros e folhetins e a escrita íntima, Anne tornou-se adolescente e sujeito num processo de múltiplas leituras e escritas. A interação com pessoas vivas escorria por diversos espelhos críticos e se processava em auto expressão ao dirigir-se à amiga imaginária a que o seu Diário se destinava:

*Desde ontem o tempo está maravilhoso... Meus escritos, a melhor coisa que tenho, estão indo bem. Vou ao sótão quase todas as manhãs... Hoje de manhã... Peter estava fazendo a limpeza. Ele terminou depressa e veio até onde eu estava... Nós dois olhamos para o céu azul, para o castanheiro nu brilhando de umidade, as gaivotas e outras aves luzindo de prata, enquanto rodopiavam no ar, e ficamos tão comovidos e extasiados que não conseguíamos falar. (...) Respiramos o ar, olhamos para fora e nós dois sentimos que o encanto não deveria ser quebrado com palavras. (Frank, 2010, p. 221)*

Este texto vivo tem o contraponto da morte da autora que, junto com a de milhões de outras pessoas, contribuiu para desvanecer o que restava das certezas e esperanças da modernidade. Como celebração da vida e denúncia da morte, ele também nos lembra que prosseguem as violações de direitos humanos: ainda hoje existem adolescências vividas em sótãos e similares, adolescentes escravizados no mundo do trabalho ilegal e da prostituição infanto-juvenil, adolescentes impedidos de viver e sonhar, mesmo que as tecnologias da informação e comunicação interconectem o mundo. Não se podendo mensurar o sofrimento, parecer ser mais



difícil para as meninas, entretanto, particularmente em certas regiões do mundo, em que o seu direito à educação, à saúde, à liberdade e à vida são subjugados a interesses dominantes, suportar o fato, não raro, da vítima transformar-se em culpada. Ainda assim, podem germinar entre os escolhos a poesia, o amor e a esperança.

As luzes que aqui pinçamos de modo pouco usual certamente serão vistas como heterodoxas para muitos: uma obra literária quinhentista sucedida por um clássico da antropologia do século XX e novamente uma obra literária representada por uma autonarrativa, em países que viviam situações diferentes de globalização na História. Estranhamentos à parte, o cotejo mostra que, apesar das diferenças, artistas e cientista, nas suas mutuamente desconhecidas rotas de navegação, lançaram a seu modo marcos de pioneirismo e arrostaram obstáculos para vocalizar sentimentos e experiências da mulher.

Estas breves referências deixam claro que adolescência é um conceito dinâmico, em parte histórico-socialmente construído no bojo da modernidade, mas cujo tempo não coincide com o cronológico, que marca as transformações corporais da puberdade. A adolescência situa-se entre dois tempos psíquicos: o tempo de elaboração do luto da infância e o do advir do sujeito adulto, com a integração de um novo corpo sexuado.

Do ponto de vista do discurso social, hoje a adolescência se associa à escolaridade, sobretudo de tempo integral, à cultura de massa, à economia de consumo globalizada e ao desenvolvimento da subjetividade, sendo talvez, nesse sentido, um fenômeno marcadamente ocidental. Considerando as transformações do tempo e do espaço, conquanto a puberdade seja óbvio marco biológico, os limites psíquicos da adolescência são esbatidos, ainda que as definições legais e demográficas exijam fronteiras definidas, contudo, sujeitas a alterações.

Sem maniqueísmos ingênuos, apesar das “novas” feminilidades e masculinidades, a mulher continua a aparecer como vítima preferencial de variadas violências, patenteando o quanto é difícil conciliar as diferenças, inclusive de gênero, com a igualdade de direitos. Não é preciso lembrar regiões do Oriente, pois abundam exemplos dramáticos e trágicos do Ocidente, inclusive no lado ocidental do Atlântico, como na América do Sul, inclusive no Brasil, no México e em numerosos países da América Central e do Caribe.

Eis porque, sem visões antinômicas, este primeiro número de *Interações* sobre “Adolescência: uma visão caleidoscópica”, cuja organização foi honrosamente



atribuída à Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília, reúne artigos sobre *adolescência, gênero e violências*. Uma das ambições da chamada de trabalhos para um número sobre adolescência, em grande parte realizada, foi a de reunir especialistas de diferentes áreas em torno de uma temática tão complexa e ainda, até certo ponto, tão pouco compreendida, em especial o suficiente para traduzir teorias e pesquisas em atos efetivos, capazes de assegurar o exercício dos direitos humanos. O fato é que a psicologia contribuiu denodadamente para a compreensão da adolescência, sendo necessária, não obstante, a contrapartida de outras ciências, como a psicanálise, a sociologia e a antropologia, para citar apenas algumas que se lançaram à escuta e à compreensão de tão complexo fenômeno. Parte das colaborações selecionadas, no entanto, como rio que corre para o mar, convergiu para um tema específico, “Adolescência, Gênero e Violências”, salientando a sua relevância. Graças à resposta generosa dos colegas pesquisadores de várias nacionalidades, foi possível organizar dois números sobre a adolescência.

### **Adolescência, Gênero e Violências: Roteiro e Significados**

Fiel à perspectiva de contribuir para a concretização dos direitos humanos, este é o primeiro número, em que afloram as tristes relações entre adolescência e violências, tanto na autoria, como na vitimação e no testemunho. Não é demais lembrar que a adolescência, tão visível como mercado de consumo, precisa ser um dos alvos decisivos de políticas públicas. Porém, não só este alvo aparece muitas vezes nebuloso, com definições frágeis, imprensado ou esquecido entre a infância e a juventude, como também compartimentado em diferentes ciências e repartições (não por acaso repartições) das burocracias estatais e do chamado terceiro setor, que continuam a erigir-se como pirâmides e pouco atuam como redes. A intercomunicação, de um lado, entre as ciências e entre as políticas e, de outro lado, entre as primeiras e as últimas é um desafio permanente, a se fazer face diante, inclusive, das dimensões do gênero e das violências, estas tanto dentro quanto fora das escolas. Como norte destes esforços, destacam-se os princípios e normas das Nações Unidas e da UNESCO (Gomes, 2001), tendo no ápice a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e, a partir dela, documentos como a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Social (1966), a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as Mulheres (1979), a Convenção relativa aos Direitos da Criança (1989) e, por último,



embora não menos importantes, a Declaração Mundial de Educação para Todos (2000) e as Metas do Milênio (2000), que deixam claro a preocupação com a criança e o adolescente, destacando a menina e a mulher em situação mais vulnerável num quadro mais amplo de vulnerabilidade.

As palavras têm um papel transformador da realidade psíquica. De fato, a revelação “no princípio era o Verbo”, com as suas ricas implicações psicológicas, educacionais e pedagógicas, constitui forte elo entre Oriente e Ocidente num percurso de milênios. Todavia, a intenção e a palavra, se bem que indispensáveis, não são suficientes para transformar a realidade material com coerência. Antes de tudo, ideias, utopias e realidades raramente caminham juntas. Contudo, ainda que as utopias não encarnem como tais e em grande parte estejam fadadas à frustração, constituem forças modeladoras expressivas das paisagens da História. Neste sentido, cabe às ciências tecer paciente ou impacientemente as constatações da realidade, apresentar propostas, quando for o caso, e dispor-se ao diálogo, entre si e com os que fazem. Por isso, espera-se que esta sucessão de artigos seja sal e luz para novos conhecimentos e práticas, capazes de transformar realidades.

A organização aqui adotada sugere um mapa fundamental, ainda que o leitor possa traçar outros. É assim que este número começa com o artigo de Le Breton sobre educar hoje uma *self made generation*, voltada para os seus companheiros, enquanto a geração precedente pode abandonar crianças e adolescentes a uma liberdade sem orientação. Que transmitir, então, nesse mundo e quais as desigualdades de transmissão, inclusive entre os gêneros? Drieu, Eeckeman e Plagès, passando do enfoque sociológico para o psicanalítico, o psicológico e o psiquiátrico, analisam jovens em dificuldades tutelados pela Justiça, propondo, com base em suas experiências, a adoção de um modelo plurifocal na prática clínica. As diferenças de gênero são assinaladas por meio da ilustração de dois casos clínicos, de Clarisse e Ahmed.

Passando à antropologia social, Téllez Infantes, que compreende a adolescência como construção cultural, aborda as identidades de gênero, detendo-se nas masculinidades e feminilidades cuja interação, na adolescência, não raro é marcada pela violência de gênero, em especial no namoro. Tal violência emerge de identidades construídas a partir de distintas referências baseadas na desigualdade. Sob este particular, cabe ressaltar as desigualdades educacionais entre os gêneros, frisando-se entre elas as desvantagens masculinas em certas áreas geográficas e situações



sociais, como o inverso, as desvantagens femininas. Conforme trabalho da autora, que merece ser consultado, é tempo de pesquisar as masculinidades (Téllez Infantes, & Verdú Delgado, 2011), as residuais e as emergentes, se assim pudermos chama-las, além das feminilidades “velhas” e “novas”. Parece não se poder compreender, no sentido de *Verstehen*, as feminilidades sem pesquisar cuidadosamente as masculinidades, com as suas mudanças e, sobretudo, não mudanças.

Neste sentido, existe copiosa literatura (p. ex., Duru-Bellat, Kieffer, & Marry, 2003, UNESCO, 2004, Marguerite, 2008) sobre a inquietação e o desajustamento de meninos e rapazes à escola, com reflexos evidentes no seu aproveitamento cognitivo e na prática de violências. Estas tendências não parecem arrefecer, antes pelo contrário, ensejando a hipótese de que a(s) “nova(s)” feminilidades estejam despertando reações simbólicas e físicas dos meninos e rapazes, no sentido da violência, contra as suas colegas do gênero feminino.

Passando às políticas públicas, o artigo de Faleiros focaliza, por uma autodeclarada visão feminista, as políticas de saúde para adolescentes mulheres no Brasil, a partir da análise de documentos oficiais federais. Seguem-se a este três trabalhos também significativos, que também envolvem questões de saúde e, inseparavelmente, as de educação: o pensamento das adolescentes sobre a maternidade e o casamento, por Dias e colaboradoras; as atividades sexuais e o uso do preservativo por escolares adolescentes, por Santos e colaboradoras, e, por fim, o consumo de álcool por adolescentes em áreas urbanas socialmente excluídas, em artigo elaborado por Leopoldo e colaboradoras. Estas pesquisas analisam os principais dados por gênero e iluminam aspectos particulares da adolescência que patenteiam a complexidade dos problemas e soluções, clamando por políticas públicas integradas, mais difíceis de elaborar, executar e avaliar, porém indiscutivelmente mais efetivas.

Em prosseguimento, Penso e colaboradoras apresentam os resultados de uma pesquisa sobre adolescentes do sexo masculino que praticaram atos infracionais (na legislação brasileira os menores de idade não cometem crimes, mas infrações) de naturezas social e sexual. O fio é puxado à meada, na perspectiva teórica da psicossociologia e do pensamento sistêmico, pela escuta desses adolescentes e das suas mães, predominantemente chefes de famílias monoparentais.

Por fim, dois artigos abordam violências escolares em Portugal e no Brasil. Os dados não são estritamente comparáveis, mas a visão geral certamente levará os educadores a algumas sérias reflexões. No primeiro, Costa e colaboradores analisam o *bullying*, sem constatar diferenças estatisticamente significativas de gênero, exceto quanto aos tipos de vitimação física e de exclusão, o que, em grande parte, confirma a literatura internacional. Prodóximo e colaboradores, por sua vez, analisaram a autoria, a vitimação e o testemunho das violências escolares, conforme o clássico triângulo estabelecido por Olweus (1998). Entre outras constatações, no que concerne à vitimação por gênero, não foram encontradas grandes diferenças quanto aos atos violentos, mas, proporcionalmente, os rapazes foram mais afetados que as meninas. Todavia, o mais preocupante é que, no sentido oposto ao da literatura internacional, a maior parte das violências foi praticada em sala de aula. As vítimas, por seu lado, em grande parte careciam de confiança nos adultos responsáveis pela escola, o que sugere pistas gravíssimas sobre a lei do silêncio e a omissão dos educadores.

Embora não justifique, a distância e o desconhecimento dos professores e gestores em relação aos adolescentes pode ser em parte explicada pela difícil situação de tantas escolas, esgotadas por incidentes frequentes, usualmente tratados com punições que, quanto mais utilizadas, mais se desgastam. Ser adulto e relacionar-se com adolescentes envolve uma pedra de tropeço: o esquecimento da própria adolescência, ainda que o vento dos tempos tenha mudado a paisagem. Visando especial, mas não exclusivamente aos educadores, abre-se uma janela para melhor conhecer a adolescência e os adolescentes na coletânea de acesso aberto, publicada pela UNESCO e resenhada por Vasconcelos, com uma visão pluridisciplinar sobre a escolarização desse grupo etário e, por que não ousar dizer, grupo cultural ou subcultural.

Por último, já que este número de *Interações* focaliza o gênero como um dos seus eixos, cabe uma olhadela no sumário deste número para detectar-se ampla maioria de autoras-pesquisadoras, além de dois terços da editoria convidada. No caso do Brasil, trata-se em grande parte do reflexo de uma educação superior em que predomina o gênero feminino, hoje expressivamente mais escolarizado que o masculino, como em quase toda a América Latina. Só falta indagar se esta maior participação no ensino e na pesquisa se traduz em efetiva igualdade de direitos, inclusive na remuneração e no posicionamento profissional. Não poucas evidências parecem negá-lo, o que traz a problemática para o quintal da própria academia. Também esta se veste e reveste de azul e rosa, com as mulheres concentradas nas



humanidades e ciências humanas, onde parecem “incomodar” menos, enquanto os homens predominam nas ciências e tecnologias (Baudelot, & Establet, 2006, 2007).

Em face dos desafios e das limitações do conhecimento científico, este número de *Interações*, como o próximo, contribui com algumas réstias de luz para a visão caleidoscópica da adolescência. É pouco, porém assentam mais alguns tijolos na construção da casa, diante dos pontos cegos do conhecimento e do hiato entre este e as práticas, quer ao nível da escola e outras instituições, quer no âmbito mais amplo das políticas públicas. Todavia (e assim acrescentem-se novas dimensões à complexidade), num mundo, numa Europa e num Portugal assoberbados por uma interminável crise que secundariza o ser humano, permanece de pé a capacidade de manter a esperança e, assim fazendo, investigar, propor e indignar-se, *Indignez-vous!*, conforme Stéphane Hessel (2013), falecido aos 97 anos em 27 de fevereiro último. Sem essa capacidade de crítica e indignação, a adolescência poderá se tornar um limbo cada vez mais prolongado, a esparramar-se por uma juventude e uma adultez inseguras e precárias até não se sabe quando, às quais, embora escolarizadas e capazes, se nega o direito humano de um lugar ao sol. Em particular no continente mais idoso e que envelhece com rapidez, esta vultosa perda histórica terá graves consequências, inclusive um pesado preço a ser dividido por todas as gerações. Prolongar o tempo de espera da juventude, mantê-la na corda bamba, marginalizar uma parte vultosa da população adulta no desemprego e extrair ao máximo os resultados do trabalho dos idosos, até tão tarde quanto possível, pode criar um vácuo demográfico muito grave no andamento das coortes. Quando e em que condições desfavoráveis a juventude, avançando na idade, assumirá responsabilidades que se anteveem muito árduas? Teríamos uma geração quase perdida, obrigada muito tarde, num quadro de frustrações, a produzir e a sustentar a economia? Teríamos uma geração sugada como água pelas fendas de um deserto? Nestas condições, a antecipação da adolescência e sua aparente dilatação cada vez maior se tornaria um vestibulo de tensões e frustrações mais intensas do que as de hoje. A quem esta decomposição histórico-social, com efeitos subjetivantes, beneficia ou, conforme os juristas romanos, *cui bono?*

Por isso, cultivando a virtude da esperança em terreno sáfaro, Hessel e Morin (2011) destacam que devemos formular uma política da juventude em função do que é sociológica e culturalmente o adolescente: o seu elo mais fraco, por ser o menos integrado, entre o casulo da infância e a inserção na idade adulta, mas também o mais

forte da sociedade, porque dotado das maiores energias, das mais fortes aspirações e da maior capacidade de revolta.

### Referências Bibliográficas

- Assis, M. (1994). *Obra completa: Falenas*. Rio: Nova Aguilar. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/sotries/pdf/poesia/maps02.pdf>.
- Bateson, M.C. ([1928] 2001). Words for a new century. In M. Mead. *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for Western civilization* (pp. XI-XIV). Nova Iorque: Harper Perennial.
- Baudelot, C., & Establet, R. (2006). *Allez les filles!* Paris: Seuil.
- Baudelot, C., & Establet, R. (2007). *Quoi de neuf chez les filles? Entre stéréotypes et libertés*. Paris: Nathan.
- Duarte, M.I.R.M. (2010). *Amor e desejo na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: uma revisão de motivos, conceitos e paradigmas*. Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Duru-Bellat, M., Kieffer, A., & Marry, C. (2003). Girls in school in France over the twentieth century: investigating the claim of a double gender-class handicap. *Ophrys: Revue Française de Sociologie*, 44(5), 49-77. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-2003-5-page-49.htm>.
- Frank, A. (2010). *O diário de Anne Frank* (12ª ed.). Rio: Bestbolso.
- Gomes, C.A. (2001). *Dos valores proclamados aos valores vividos: traduzindo os atos e princípios das Nações Unidas e da UNESCO para projetos escolares e políticas educacionais*. Brasília: UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001236/123621por.pdf>.
- Goethe, J.W. (1968). *Les souffrances du jeune Werther*. Paris: Garnier-Flammarion.
- Gomes, C.A. (2012). Adolescência: conceito em busca de realidade? In C.A. Gomes, G.A.F. Nascimento, & S.M.F. Koehler (Eds.). *Culturas de violência, culturas de paz: da Reflexão à ação de educadores, operadores do Direitos e defensores dos direitos humanos* (pp. 17-46). Curitiba: CRV.
- Hessel, S. (2013). *Indignez-vous!* 16ª ed. Montpellier: Indigène.
- Hessel, S., & Morin, E. (2011). *Le chemin de l'espérance*. Paris: Fayard.
- Lourenço, H.F. (2009). A representatividade do feminino na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro: paradigmas do discurso amoroso. *eHumanista*, (12), 252-268.



- Marguerite, H. (2008). Genre et éducation. *Dossier d'actualité de la Veille Scientifique et Technologique*, Lyon, (37). Disponível em: [http://doc-aea.aide-et-action.org/pub\\_cgi/document\\_sho.pl?document\\_id=3435&lang=fr](http://doc-aea.aide-et-action.org/pub_cgi/document_sho.pl?document_id=3435&lang=fr).
- Mead, M. ([1928] 2001). *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for Western civilisation*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- Mead, M. ([1949] 1969). *Male and female: a study of the sexes in a changing world*. Nova Iorque: Laurel.
- Olweus, D. (1998). *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madri: Morata.
- Pipher, M. (2001). Introduction to the Perennial Classics Edition. In M. Mead. *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for Western civilization* (pp. XV-XIX). Nova Iorque: Harper Perennial.
- Ribeiro, B. (1891). *Menina e moça...* Ed. dirigida e prefaciada por D. José Pessanha. Porto: Livr. Internacional de Ernesto Chadron, Casa editora Lugan & Genelioux, Successores. Disponível em: <http://archive.org/details/meninaemoa00ribeuoft>.
- Silva, E.R. (1978). O caminho circular de *Menina e Moça*. *Letras*, (27), 93-103.
- Téllez Infantes, A., & Verdú Delgado, A.D. (2011). El significado de la masculinidad para el análisis social. *Revista Nuevas Tendencias en Antropología*, (2), 80-103.
- UNESCO (2004). *Relatório de monitoramento global de Educação para Todos 2003/4: educação para todos: o salto para a igualdade*. São Paulo: Moderna.